

A SIGNIFICÂNCIA DO CONCEITO DE PASSADO PARA PROFESSORES DE HISTÓRIA DO ENSINO MÉDIO

Autora: Prof^ª Dr^ª RITA DE CÁSSIA GONÇALVES PACHECO DOS SANTOS*

O conceito de passado é um dos mais importantes na construção da epistemologia da ciência histórica e por consequência para a aprendizagem em História. Sendo assim, é pertinente questionar qual é o significado do passado para o seu ensino.

O passado é objeto de investigação do historiador e do professor de História e pode-se afirmar que uma teoria da aprendizagem histórica passa por uma definição dos significados que o passado tem para a teoria da História. Isso porque o passado está no presente e só a partir dele é cabível a aprendizagem histórica. Mas não podemos entendê-la somente como uma ida direcionada ao passado, uma vez que este deve ser estudado a partir das evidências que apresenta no presente. O passado só tem significado como orientação na vida prática, pois pressupõe uma terminalidade, já que está em algum lugar no tempo (RÜSEN, 2001). Não se pode fugir do passado, ele é necessário para a continuidade da vida.

Conhecer o passado (Lowenthal, 1989) é um trabalho consciente e deliberado, o pesquisador deve vê-lo no presente, sendo parte do presente, mas não igual a ele. O historiador desta maneira deve ir ao passado para fazê-lo existir enquanto História.

Entendendo o caráter de seleção que damos ao estudo do passado, pode-se afirmar que não estudamos o PASSADO, mas sim um determinado passado e os significados que damos a ele devem partir das questões sobre as motivações que levam o historiador a selecionar o que buscará nele, ou seguindo a analogia, a escolher determinada curva do rio para construir a ponte.

O trabalho do historiador e do professor, ao buscar perspectivas nas experiências do passado, não é o de reproduzi-lo, preenchendo o vazio de curiosidades, mas o de traduzir o passado em presente e em alimentar expectativas futuras. (MEDEIROS, 2005)

Partindo dessa afirmação, é pertinente o questionamento sobre como o professor de História compreende o passado e se esse conceito interfere ou auxilia no seu trabalho pedagógico.

** LAPEDUH – Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica – UFPR. Apoio financeiro através de bolsa da CAPES.

O professor de História pode ser entendido como um sujeito historicamente situado e com maneiras específicas de ver e entender o mundo que o cerca. Sendo assim, estudar as formas como ele entende a epistemologia da ciência de referência auxilia no entendimento de como é o seu trabalho.

Esta investigação é de cunho qualitativo e foi desenvolvida em âmbito de uma tese de doutorado defendida no PPGE-UFPR, sobre as relações existentes entre o conceito denominado de Segunda Ordem, Significância Histórica e o de Passado. Os sujeitos desta investigação são dezessete professores de História de dez colégios de Ensino Médio na cidade de Curitiba.

As categorias apresentadas nesse trabalho foram elaboradas a partir de entrevistas realizadas com os professores, buscando entender o conceito de Passado que os sujeitos da pesquisa apresentam.

As categorias classificam as ideias dos professores em cinco grupos: Passado estático, passado para criar empatia, passado enquanto memória e enquanto memorização, passado para orientação e passado histórico.

1 Passado Estático

Essa categoria foi considerada porque a relação entre o passado e o presente deve ser importante para o historiador. O professor de História que acredita que o passado está lá somente para mostrar sua importância sem contextualização, o passado é um dado a priori foi uma ideia encontrada somente na fala da professora Andreia, na fala do professor Geraldo e em algumas afirmações da professora Bianca.

A professora Andreia afirma que o conceito de passado é importante e que o entendimento do presente não ocorre sem ele, “Passado, dentro da minha disciplina ele é tudo, né? Não tem como eu entender o presente da História sem entender o passado”. A ideia de passado apresentada por ela é um passado estático, ele está lá e serve de modelo.

A ideia que professora Andreia demonstra a ideia tradicional de que o estudo da História é o tempo passado. Ela não tem a percepção de que o passado está no presente e que o estudo da História é o estudo do passado, conceito clássico do século XIX. “para mim, a história é o passado, a história faz parte do passado, né? O tempo que nós estudamos a história é o tempo passado. Não tem como.”

A professora Andreia usa um exemplo de conteúdo para exemplificar qual seu entendimento sobre o conceito de passado, ela dá o exemplo relacionado ao Egito Antigo. A aprendizagem do passado relacionada a esse conteúdo não tem o objetivo de contextualizar o presente ou de fazer inferências relacionadas ao conhecimento do passado. A importância do conhecimento é dada pela relação passado pelo passado. A História do Egito está para ser aprendida, tudo o que o deve ser conhecido sobre o Egito está dado. O passado é somente citado como fonte de informações.

Para a professora Bianca o passado é estático e imutável, pois “a hora que você chegou já é passado. Para mim tudo, tipo, o que eu estou falando agora daqui a pouco vai se tornar passado, sabe?”. Ela também dá exemplos de trabalhos desenvolvidos sobre o passado. Os exemplos dados estão relacionados ao Egito Antigo, também citado pela professora Andreia e ao suicídio de Getúlio Vargas. Saber sobre o passado significa uma visita ao um lugar diferente, que não é passível de discussão. Ele está dado, é estático e imutável.

O professor Geraldo ao narrar a História, o que na opinião dele é contar o que aconteceu, o passado está imóvel e ao ser trazido para a sala de aula através de sua narrativa não pode ser debatido ou discutido. “mas eu acho que quando eu trabalho, normalmente a história você conta ela. Eu costumo falar histórias para os meus alunos”. O conhecimento do passado não é debatido ele é apresentado como pronto e acabado, bastando ser explicado de maneira que o aluno tenha fácil percepção de sua existência.

2 Passado para criar empatia.

Eles apontam que os fatos passados são importantes, mas que existe a necessidade de utilizar este conceito de forma a justificar sua aprendizagem. Os professores enquadrados nesta categoria atribuem significado, avaliam os vestígios e, ao conceituar mudanças, julgam progresso e utilizam o conceito de empatia. Para Peter Seixas sem o emprego da empatia, julgamento moral e ideias dos agentes humanos “não podemos dar sentido às nossas vidas” (SEIXAS, 1998, p. 778).

O passado resgatado através da empatia pode ser visto na seguinte afirmação da professora Bianca, “tudo faz parte da história, não é só os acontecimentos, assim, aqueles grandes acontecimentos. Toda a nossa vida, né, vida de pessoas comuns, desde um lixeiro, desde a gente que é professora”.

O professor Cleber procura atrair o interesse para o estudo do passado buscando o resgate da sua própria História “Eu uso esse passado, tanto o meu como, né, da própria História, porque acontece isso. Eu uso a minha história”. A empatia é desenvolvida através de uma relação entre a História pessoal do professor e a História que ele ensina em sua disciplina. Várias vezes ele afirma que se deve perceber que o sujeito faz parte da História e usa seu próprio exemplo de vida para o alcance essa percepção. O estudo do passado é significativo porque ele procura mostrar que o sujeito dos dias atuais faz parte desse passado. Para o professor Cleber entender os fatos passados tem uma relação pessoal com ele mesmo.

A questão do resgate positivo do passado como forma de torná-lo atraente foi percebida em diversas falas dos professores. O passado resgatado por esses professores tem uma característica de evolução. Aprender sobre o passado de maneira a estabelecer a compreensão dos fatos históricos de maneira positiva e que evite o que pode ser considerado negativo ou nocivo, com o intuito de não repetir os erros cometidos.

O desenvolvimento de um sentimento de empatia com o passado pode ser visto através do relato da professora Eva quando ela conta sobre o interesse sobre o passado que foi mobilizado a partir da eleição do candidato Luis Inácio Lula da Silva em 2002 e como ela voltou ao passado através desse interesse, pois, a empatia somente pode ser desenvolvida se houver um interesse nos fatos passados e a sua relação com o tempo presente.

Essa relação de empatia com o passado, de acordo com Peter Lee não é a partilha de sentimentos, embora o autor reconheça que a compreensão histórica envolva sentimentos:

[...] mas a nossa compreensão histórica vem da forma como sabemos como as pessoas viram as coisas, sabendo o que tentaram fazer, sabendo que sentiram os sentimentos apropriados àquela situação, sem nós próprios as sentirmos. (LEE, 2003, p. 21)

Dar significado ao passado é importante para o professor Gustavo, pois, em sua opinião o conhecimento do passado “para os alunos, isso, de hoje, isso é uma coisa sem sentido para eles.” Esse significado do passado pode ser alcançado através do estabelecimento de uma relação de empatia com o passado. A relação com o conhecimento sobre o passado pode ser desenvolvida com esse sentimento de aproximação positiva com o passado mostrando o diferente, para a aprendizagem significativa sobre o passado.

O professor Iran busca através da experiência surpreendente com artefatos do passado estabelecer a empatia com o passado e assim facilitar o conhecimento histórico. Segundo ele o que mobiliza o interesse pelo passado é a sua relação de encantamento, a empatia é estabelecida a partir da surpresa.

A professora Katia também demonstra que o passado deve estabelecer uma relação positiva com o presente para facilitar a aprendizagem e dá como exemplo a situação da família. Ao exemplificar as mudanças sociais que ocorreram na composição familiar, busca trazer a realidade atual para que seja possível desenvolver pensamentos acerca das modificações e permanências do passado.

Já o professor Keirrisson observa que é possível estabelecer uma relação empática com o passado através de variadas maneiras, porque “existe assim um, várias maneiras [...] de, é, muitas vezes escutando, lendo, escrevendo e também vendo, né, enxergando assim [...] porque eles, aí eles passam a ter o contato direto assim, né, é com o passado”.

Peter Lee afirma que os sujeitos ao compreenderem “ações e práticas sociais [...] devem ser capazes de considerar [...] as ligações entre intenções, circunstâncias e ações” (2003, p. 20). Os professores buscam entender e explicar a sua ida ao passado de maneira a considerá-lo passível de entendimento, mas não ainda de uma maneira histórica e sim como bem disposição com o passado.

3 Passado como Memória ou Memorização

Estevão de Rezende Martins (2010) discute o papel da memória para a consciência histórica e para a resolução das carências de orientação

[...] A memória enraizada está incluída no que se convencionou chamar de consciência histórica. Nessa consciência estão reunidos os elementos conformadores da identidade, com os quais o indivíduo elabora e estrutura o tempo da experiência vivida em tempo refletido, como História. (MARTINS, 2010, p. 49)

A análise das respostas mostrou que os professores não pensam a memória para construção da aprendizagem histórica. Também mostrou que alguns professores entendem a memória enquanto memorização. O conceito de memória não foi entendido por alguns professores como conceito histórico. As concepções apresentadas por alguns professores mostram a prevalência de uma pedagogização da ciência histórica.

A memória para a professora Andreia é um fator importante e necessário para a História, para o entendimento do passado, “eu preciso da memória, faz parte da evolução da história, pra você entender passado, né? Precisa buscar essa memória no passado, né?” Ela faz a relação entre o conhecimento através da memória com a questão da evolução, o que pode ser observado nos resultados de estudos de Barton (1998, 2001), pois o estudo dos fatos passados mostra o caráter de evolução da sociedade e a tendência é entender o passado como um mundo incompleto que deu origem ao mundo atual, mas que tem carências e defeitos superáveis através desse caráter evolucionário em que a História é entendida.

Quando a professora Andreia faz referência ao resgate da memória ela não mostra utilizar a epistemologia da História para pensar sobre como a memória é construída nem como está difundida. Ela faz asserções sobre esse conceito relacionando memória com lugares onde pode ser observada. Ela exemplifica onde pode ser encontrado da memória. “O resgate da memória, no museu, o Museu Paranaense”.

Memória, lembrança e passado estão dentro do mesmo contexto de entendimento e para o professor Bernardo e seu resgate é automático. “De certa forma sim, porque automaticamente se associa lembrança a alguma coisa que aconteceu antes, aí quase que

automaticamente, sei lá, passado.” Essa ideia de memória enquanto lembrança mostra semelhanças com a ideia de Oakeshott de passado prático. Ao associar a memória com algo que aconteceu anteriormente, o professor Bernardo tampouco mostra que o trabalho com a memória exige um estudo epistemológico, pois ao afirmar que essa relação é automática ele não leva em consideração o trabalho de seleção que é realizado nem tampouco que a ideia de lembrança tem como outro lado a questão do esquecimento, em uma relação de seletividade apresentada por Fourquin (1993).

De acordo com Lowenthal (1989), a História necessita da memória, mas elas não são sinônimos. A memória não pode ser considerada como sendo histórica, pois o esforço consciente do Historiador é o responsável por transformá-la em ciência. A professora Eliane até considera o papel do historiador no resgate da memória, mas não explicita a necessidade do método histórico para fazê-lo.

O professor Gabriel considera a memória um instrumento para o ensino aprendizagem, a memória está relacionada ao aspecto social e ligada a história de vida das famílias, mas acredita ser mais fácil a discussão desse conceito com o Ensino Fundamental, “porque eu até acho que é mais fácil [pensar] a questão da memória mais com o Fundamental, acho mais tranquilo”. O trabalho com a memória para o professor Gabriel a memória relação com informações que podem ser coletadas e não com conhecimento que pode ser sistematizado e contextualizado a partir dessas informações.

Para o professor Gustavo a memória se aproxima do hardware e pode ser acessada como um computador. E é através das informações guardadas que o aluno pode acessar o passado. Esse conceito de memória como depositária individual de informações se aproxima do conceito apresentado por Oakeshott pelo qual o passado de cunho prático pode ser acessado por um esforço consciente do ser humano. Mas esse esforço não é trazido para explicar como a memória pode ser utilizada na aprendizagem da História. A memória é algo pessoal que guarda informações pessoais e que ele não associa ao pensamento histórico.

Já para a professora Kátia a memória é um conceito pessoal que tem características próprias e singulares, pois tem a ver com diferenciadas variáveis “porque trabalhar com memória depende do, eu tenho o meu conceito, né? O meu conceito com algumas coisas, então eu tenho com a minha idade, com a minha formação, eu tenho uma memória, né?”. A

memória deve ser contextualizada para que seja compreendida, sendo necessário buscar em “... um determinado período histórico, [...] o que que é mais interessante ou não”. O resgate da memória pode ser considerada uma estratégia de ensino.

Para o professor Keirrisson a memória deve buscar conhecer o passado, para responder questões de cunho patrimonial e responde a necessidades que não são históricas, apesar dele fazer referência a memória histórica. A memória deve ser pensada para entender questões relacionadas a preservação do passado.

O professor Lauro associa o resgate da memória como importante para criar o interessa na História. Ele afirma que a utilização da memória familiar constrói uma relação de importância com o passado e o sujeito. Dessa forma, a memória familiar é privilegiada e a História de vida pode ser utilizada como ponto de partida para a explicação de determinados fatos históricos e da realidade que existe na comunidade onde a escola está inserida. Assim no estudo da História o professor Lauro pensa a memória como facilitadora para explicar a realidade e desenvolver conceitos históricos. A memória é resgatada para auxiliar o trabalho com a disciplina História.

O professor Iran faz em um primeiro momento a diferenciação entre memória e memorização chamada por ele “como capacidade de estudo”. Mas ao explicar o que significa os dois conceitos associa memória a ideia de memorização.

Ele se coloca da mesma forma como o detentor do saber, pois não afirma em nenhum momento que o aluno pode desenvolver o conhecimento e sim que o aluno apreende informações após ouvir a narrativa do passado. E a partir do conhecimento da narrativa pode acessar informações e tomar decisões. A característica da memorização fica clara quando ele explica como é possível acessar ao que ele chama de memória após ir a um museu. “Alguma coisa a gente ali grava, quando você lê um texto do renascimento, o modo de vida, alguma coisa guarda, vai dar um significado alguma coisa e a memória é fundamental.”

Para ele memória é memorização, pois o aluno resgata “a memória histórica, como capacidade de armazenamento e também como, como referenciais que ele vai selecionando para construir a própria história.”

O professor Gustavo faz a associação entre memória e memorização pois em sua fala “História é memória. Não tem como você dissociar memória de história. Então, a

memorização ela é fundamental para história”. Ele apresenta a memorização como um ato importante para a História. Você somente vai conseguir pensar historicamente utilizar a memorização para “armazenar [...] conhecimento”.

Da mesma forma memória aqui não é entendida como um conceito epistemológico e sim como capacidade humana para reter e reconhecer fatos. A memorização é importante para que a História possa desenvolver o potencial de evolução apresentado pela professora Bianca.

A professora Eva entende memória como memorização e afirma que “A memória é a base, a partir do momento que você memoriza né, porque veja bem, eu explico muito bem para os meus alunos a diferença de aprender e memorizar, né?”

Ela entende a memória como o ato de memorizar. Ao relembrar qualquer informação, o aluno está mobilizando sua memória. Ela não entende o trabalho com o conceito memória de nenhuma forma diferente da associação memória-memorização. O aprendizado histórico para ela deve ser memorizado, assim somente aprender não garante a capacidade de desenvolvimento do pensamento histórico.

A professora Eva afirma desenvolver estratégias de memorização que possibilita relembrar códigos, pois assim os “explicando a matéria e colocando os códigos, vão memorizando os códigos e automaticamente eles vão ‘no’ assunto”. Ela explica que essa maneira de trabalhar a “memória” é gratificante e assim “eles se interessam mais em memorizar e decorar códigos”. Quando a professora Eva fala sobre memória em nenhum momento ela enfatiza a necessidade do desenvolvimento do conhecimento histórico na aprendizagem do aluno. A necessidade de aprender História está ligada a questões pragmáticas como o vestibular. Ela também relaciona a aprendizagem da História à apreensão do conteúdo. História é conteúdo e a memória enquanto componente do conhecimento não é levada em conta para a construção da aprendizagem além do fato de ser relacionada a memorização pois se “você parte pro lado da memória é muito mais fácil do que você fazer com que o aluno aprenda, por que o aprender ele é muito extenso, ele é infinito, né, é infinito.”

As duas próximas categoria apresentadas foram estruturadas a partir das discussões desenvolvidas sobre a teoria da consciência histórica de Jörn Rüsen (2001, 2007a, 2007b).

Para esse autor o pensamento histórico surge para responder as carências de orientação temporal.

Contar o presente é uma atividade intelectual que torna o passado presente sob a forma de narrativa, que somente se transforma em narrativa histórica quando tem subjacente uma interpretação deste passado contado na narrativa. A narrativa histórica orienta e dá sentido a vida do sujeito. A manifestação da consciência histórica se dá por meio da narrativa, que carrega uma intenção para um determinado público, pois é sempre produzida com uma intenção.

Essa constituição histórica de sentido está estruturada em três dimensões que são relacionadas: as estratégias política, cognitiva e da poética e da retórica.

4 Passado exemplar

As ideias dos professores inseridos nesta categoria mostram que o passado tem um sentido porque tem relação com o presente.

Esta categoria foi pensada a partir da categoria da consciência histórica exemplar apresentada por Jörn Rüsen onde as experiências do passado representam e personificam regras gerais de mudança e de conduta humana.

O passado para estes professores tem sentido porque tem relação com o presente. A professora Eliane afirma que “Porque não tem como a gente tentar interpretar e entender os fatos presentes, né, a atualidade sem você dar um pulinho lá nesse passado histórico para poder relacionar os fatos, perceber as mudanças, as permanências”.

A necessidade de compreensão do passado está presente na fala da professora Joaquina, “Passado? Seria algo que aconteceu há muitos e muitos anos atrás. E como minha disciplina é História, então eu tenho que trazer esse passado pra agora”.

A relação estabelecida com o passado se concentra na necessidade de entendimento do presente. O professor Cleber afirma “se nós não buscarmos a memória, como diz, o conhecimento, esta memória, esta lembrança do passado, como nós vamos entender o

presente? Por que acontece isso agora?”. O professor Cleber volta a afirmar que o passado tem relação direta com o presente vivido, “vejo o passado como uma, a raiz onde todos nós crescemos e porque estamos aqui, então a consequência do passado que nós estamos aqui. Esta consequência que faz a história do passado”. E para o professor Geraldo, “o passado que você vive no presente é através dos registros na memória”.

Os professores também entendem que com estudo passado existe a possibilidade de tomar consciência dos atos cometidos para melhor posicionamento do sujeito na atualidade. Significa dizer que o passado deve ser conhecido para evitar a repetição de erros e proporcionar uma capacidade melhor de escolhas no presente. É o que afirma a professora Hortência, “Bom, passado é muita coisa [...] passado é memória, passado é a origem, transformações, busca de respostas do presente, passado é muita coisa.”

As respostas dos professores vão ao encontro das respostas encontradas na pesquisa de Peter Seixas (2000) que, na conclusão de sua pesquisa relacionada a ideias apresentadas por alunos canadenses, afirma que as narrativas escolares são apresentadas sempre com a presença de noções implícitas de progresso ou declínio.

O passado é significativo por os fatos devem ser recordados porque permitindo superar sofrimentos e injustiças. Esse é argumento encontrado nas pesquisas de Seixas (1994, 1997, 1998) e Barton (1998, 2001) O professor Keirrisson em sua fala é o professor que mais apresenta argumentos relacionados ao conceito de passado exemplar. O passado para ele, “o passado ah, eu vejo assim como um espelho onde eu possa assim, é, refletir muitas coisas que poderão ser arrumadas, né, reorganizadas para que não se cometa o mesmo, o mesmo erro no, no, no presente”.

Ao mesmo tempo em que o passado traz ensinamentos para orientar as ações no presente evitando a repetição de erros cometidos ele também tem a função de guia de orientação para o conhecimento de ações do passado que devem ser mantidas, “tem muitas coisas boas no passado que a gente pode resgatar e trazer para os dias de hoje”. (Prof. Keirrisson)

Esta categoria também foi pensada a partir das ideias relacionadas à tipologia de orientação para a ação de Jörn Rüsen. Para Rüsen (2001) o homem faz um determinado uso da História, toma decisões que têm subjacente uma interpretação do passado histórico a que atribui um determinado sentido e que orientam a sua ação. Como já foi dito anteriormente o pensamento histórico surge para responder as carências existenciais de orientação.

Pensar historicamente tem um significado de orientar-se no tempo em uma relação que integra conhecimento do passado no tempo presente estabelecendo um horizonte de expectativas (KOSELLECK, 2006) para o futuro. Isso é o que afirma a professor Eva, “O passado é o alicerce nosso, pra você poder saber o presente e poder imaginar como será o futuro, né?”.

A relação entre passado-presente-futuro pode também ser observada como uma tentativa conhecer o passado para evitar erros, mas diferentemente das respostas da categoria anterior em que esse conhecimento serve para evitar os erros do presente os professores integram a necessidade de que esse conhecimento seja utilizado para construir um horizonte de expectativas positivas para o futuro, como pode ser observado na fala do professor Gustavo, “... O passado é uma referência. Porque a gente procura fazer uma relação do presente com o passado aprendendo com esse passado, aquilo que tem de bom na história da humanidade e evitando o que há de ruim. [...] O passado é um aprendizado para o futuro!”

O significado da compreensão do passado fica evidente na fala da professora Katia, “passado é algo que a gente pode intervir, interferir no meu futuro, né, no meu futuro. Então minhas ações do passado são algo importantíssimo para mim”.

Para os professores enquadrados nessa categoria, o passado tem uma percepção de orientação para a ação, como afirma o professor Iran, “daí passado é algo que a gente pode intervir, interferir no meu futuro, né, no meu futuro. Então minhas ações do passado são algo importantíssimo para a mim”.

A compreensão do Passado pode auxiliar o entendimento da disciplina História segundo a afirmação de todos os professores. Desde o professor que apresentou a ideia de que o passado está no passado e deve ser estudado por ele mesmo até o professor que afirmou que

o estudo dos fatos passados deve ser capaz de proporcionar a possibilidade de pensar o futuro, todos os participantes compreenderam o conceito de Passado como fundamental para o conhecimento da História.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece aos professores que prontamente se dispuseram a serem entrevistados para o desenvolvimento da pesquisa.

E a CAPES pelo apoio financeiro que permitiu a pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Olinda Pereira. **Concepções de professores e alunos sobre significância histórica**: um estudo no 3º ciclo do ensino Básico. 319 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação, Supervisão Pedagógica em Ensino da História) - Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga, 2007.

BARCA, Isabel. Educação Histórica: Uma nova área de investigação? In: ARIAS NETO, José Miguel. **Dez anos de Pesquisa em Ensino de História**. Londrina: AtritoArt, 2005, p. 15-25.

BARTON, K. C. Explicações da Significância Histórica em alunos do Ensino Básico. **O Estudo da História**, n. 4, p. 207-236, 2001.

_____. Why don't more History teachers engage students in interpretation? **Social education**, Washington, v. 67, n. 6, p. 358-361, 2003.

CHAVES, Fátima Rosário Costa. **A significância de personagens históricas na perspectiva de alunos portugueses e brasileiros**. 2006. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação - Supervisão Pedagógica em Ensino de História) - Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga, 2006.

COUGHLIN, Mimi. "What Counts and Why? Exploring Historical Significance as Constructed by High School United States History Teachers. 145 f. Tese. (doutorado em Educação) – Lynch Graduate School of Education, Boston College, Boston, 2002.

DICKINSON, Alaric.; LEE, Peter Lee. History Teaching and Historical Understanding. Londres: Heinemann, 1980.

FRONZA, Marcelo. **A intersubjetividade e a verdade na aprendizagem histórica de jovens estudantes a partir das histórias em quadrinhos.** 465 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

GERMINARI, Geysa D. **A história da cidade, consciência histórica e identidades de jovens escolarizados.** 186 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

GRANT, S. G. It's just the facts, or is it? The relationship between teacher's practice and students' understandings of History. **Theory and Research in Social Education.** Washington, v. 29, n. 1, p. 65-108, 2001.

LEE, Peter. Em direção a um conceito de literacia histórica: a escolha de recursos na aula de História. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 164, p. 131-150, 2006. Edição especial.

_____. Nós fabricamos carros e eles tinham que andar a pé. In: BARCA, Isabel. In: SEGUNDAS JORNADAS INTERNACIONAIS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA: PERSPECTIVAS EM EDUCAÇÃO HISTÓRICA, 2, 2002, Braga. **Actas...** Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos em Educação e Psicologia, 2003. p. 19-36.

_____. Por que aprender História? **Educar em Revista**, Curitiba, v. 42, p. 19-42, 2011.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado.** Projeto História: Trabalhos da Memória. São Paulo: PUC, n. 17, 1989.

_____. **El pasado es un país extraño.** Madri: Akal, 1998.

MEDEIROS, Daniel Hortêncio. **A formação da Consciência Histórica como objetivo do ensino de História no Ensino Médio: o lugar do material didático.** 2005. 208 f. Tese (Doutorado em Educação – Setor de Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

MONSANTO, Márcia. Concepções de alunos sobre Significância Histórica In: BARCA, Isabel. In: QUINTAS JORNADAS INTERNACIONAIS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA: perspectivas em educação histórica, 5, 2005, Braga. **Actas...** Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos em Educação e Psicologia, 2009. p. 57-77.

_____. **Concepções de alunos sobre Significância Histórica no contexto da História de Portugal: Um estudo com alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico e do Secundário.** 190 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação, Supervisão Pedagógica em Ensino de História) – Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga, 2004.

OAKESHOTT, Michael. **Sobre a História.** Rio de Janeiro: Topbooks/Liberty Fund. 2003. 292 p.

RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão (Trad. Marcos Roberto Kusnick). **Práxis Educativa.** Ponta Grossa. Vol. 1, n. 2, p. 07-16, p. 12. Jul/dez. 2006.

_____. **História Viva: formas e funções do conhecimento histórico.** Brasília: UNB, 2007a.

_____. O livro didático ideal. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; Barca, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. **Jörn Rüsen e o ensino de História.** Curitiba: Ed. UFPR, 2010. p. 109-128.

_____. **Razão histórica: teoria da história, fundamentos da ciência histórica.** Brasília: UNB, 2001.

_____. **Reconstrução do Conhecimento Histórico: os princípios da pesquisa histórica..** Brasília: UNB, 2007b.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. S. O significado do passado na aprendizagem da História. UFPR, Curitiba, 06 maio 2010b. Anotações de aula.

_____. Trajetórias da Investigação em Didática da História no Brasil: a experiência da Universidade Federal do Paraná. **Epistemología y Metodología de las Ciencias Sociales**, 2007, p. 1-13. Disponível em <<http://www.ub.es/histodidactica>>. Acesso em 28 mar. 2010.

SEIXAS, P. A dialogue on narrative and Historical consciousness. **Theorizing Historical Consciousness**. Toronto, p. 202-211, 2004.

_____. Conceptualizing the Growth of Historical Understanding. In: OLSON, D.R.; Torrence, N. **The Handbook of Education and Human Development**. London: Blackwell, 1998. 816 p. p. 765-783.

_____. Mapping the terrain of Historical Significance. **Social Education**, Washington, v. 61, n. 1, p. 22-27, 1997.

_____. Students' Understanding of Historical Significance. **Theory and Research in Social Education**, Washington, v. 22, n. 3, p. 281-304, 1994.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 312 p.